

4. Para além da coerência, o relacionamento com uma Presença

por Julián Carrón*

Como que marcado pela novidade daquilo que estava dizendo sobre a opinião dominante, quase percebendo o nosso incômodo diante dessas palavras, Giussani faz vir à tona a pergunta que tanto inquieta a cada um de nós: “Mas por que o ‘sim’ de Simão é a nascente da moralidade? Não vêm antes os critérios de coerência e incoerência? Pedro tinha aprontado todas”. Não se trata de pintar a realidade com outras cores. Sim, “Pedro tinha aprontado todas, e ainda assim vivia uma simpatia suprema por Cristo”. Para nós, estas duas coisas são quase incompatíveis, não conseguimos deixá-las juntas. Contudo – que libertação escutar isto! –, Pedro surpreendia-se ao sentir que tendia para Cristo, “entendia que tudo em si tendia para Cristo, que tudo se concentrava naqueles olhos, naquela face, naquele coração. Os pecados passados não podiam constituir objeção e muito menos toda a imaginável incoerência futura: Cristo era a fonte, o lugar da sua esperança. Ainda que objetassem o que ele fizera ou o que poderia fazer, Cristo continuava, por entre a névoa daquelas objeções, a fonte de luz da sua esperança. E ele O estimava acima de qualquer outra coisa, desde o primeiro momento em que se sentira fixado por Ele, olhado por Ele: amava-O por isso”.¹ Como aconteceu com Maria Madalena. Entendem por que O procurava dia e noite? Não porque tinha de fazê-lo, mas porque não podia não procurá-Lo dia e noite.

“‘Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema, da minha estima suprema’: assim nasce a moralidade [a partir da relação com Cristo]. E mesmo assim a expressão é muito genérica: ‘Sim, eu Te amo’: mas é tão genérica quanto geradora de uma diversidade de vida almejada.”² Vocês já precisaram ler essas coisas para conseguir olhar para si mesmos? Não acho – confesso – que já tenha lido nada mais vezes do que estas páginas: para olhar para mim, para poder-me abraçar, para poder-me olhar como Ele me olha, para poder surpreender aquela simpatia que arrasta tudo. Nunca agradeceremos o bastante a Dom Giussani o fato de podermos olhar-nos assim, qualquer coisa tenhamos feito, voltando constantemente a estas páginas, para redescobrir o que nos permite olhar para nós mesmos deste modo.

Com uma atenção única para conosco, para não deixar nada de fora, para evitar que o “sim” de Pedro se torne para nós uma armadilha, uma medida sufocante, Dom Giussani faz a pergunta que o moralismo que temos em nós nos levaria a fazer: “O sim de São Pedro se »

*Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» traduziu automaticamente numa coerência?”. Resposta: “Mas nem um pouquinho! Recuso-me a pensar isso! Há aquele sim, e ele tem uma consistência última misteriosa, em seu nexos com aquela presença, com a atração e a humanidade daquela presença”;³ aquele “sim” tem uma tal consistência, que chega a desconcertar a quem exige um relatório, de si e dos outros, é muito mais consistente do que qualquer balanço.

E então? Se o “sim” não garante a impossibilidade de errar, como ficar diante dos nossos previsíveis erros? Dom Giussani citava com frequência, acerca disto, uma frase da Primeira Carta de São João: “Todo aquele que espera nele purifica-se a si mesmo, como também ele é puro”.⁴ Que significa? Que “a nossa esperança está em Cristo, naquela Presença que, por mais distraídos e desmemoriados que sejamos, já não conseguimos tirar – não até o último pedaço, ao menos – da terra do nosso coração, por toda a tradição dentro da qual ele chegou a nós”. Cristo é uma presença que já não conseguimos erradicar da nossa terra, da terra do nosso coração. “É n’Ele que tenho esperança, antes de ter contado meus erros e minhas virtudes. Não cabem, aqui, as contas numéricas. Na relação com Ele, o número não tem lugar, o peso medido e mensurável não tem lugar, e toda a possibilidade de mal que se pode realizar em mim no futuro, esta tampouco tem lugar, não consegue usurpar o título primário que possui perante os olhos de Cristo o ‘sim’ de Simão repetido por mim. Então brota um jorro do fundo de mim, como um respiro que sobe do peito e inebria toda a pessoa e a faz agir, a faz desejar agir de forma mais justa: brota, prorrompe do fundo do coração, a flor do desejo da justiça, do amor verdadeiro, autêntico, da capacidade de gratuidade. Como o início de toda ação nossa não é uma análise do que os olhos veem, mas um abraço daquilo que o coração espera, assim a perfeição” – atenção, a perfeição – “não é despachar leis, mas aderir a uma Presença.”⁵

Decerto o desejo de errar de novo não nasce do perdão. Só quem nunca foi perdoado é que pode pensar assim: “Já que fui perdoado, faço de novo”. Pode até fazê-lo, mas não o deseja realmente. Na verdade, o que a pessoa surpreende em si mesma é o desejo de agir de forma mais correta. “Só um homem que vive essa esperança em Cristo é que continua toda a vida na ascese, no esforço pelo bem. E, mesmo quando ele é evidentemente contraditório, deseja o bem. Isto sempre vence, no sentido de que é a última palavra sobre si, sobre o próprio dia, sobre o que se faz, sobre o que se fez, sobre o que se vai fazer. O homem que vive essa esperança em Cristo continua na ascese. A moralidade é tender continuamente ao ‘perfeito’ que nasce de um acontecimento no qual uma relação com o divino, com o Mistério, está implicada.”⁶

A moralidade cristã, então, não pode constituir de algum modo um aval dos nossos erros. Mas muito menos é ficarmos sufocados com o número dos nossos erros, como diz Dom Giussani: “Na relação com Ele, o número não tem lugar”, não conta. A moralidade cristã é um “tender para” que nasce do maravilhamento pelo amor de Cristo.

¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 84.

² Ibidem.

³ Anotações de um encontro da Diaconia de CL Espanha com Dom Giussani, Milão, 15 de maio de 1995. Conservado na Secretaria Geral de CL, Milão.

⁴ 1Jo 3,3.

⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 85.

⁶ Ibidem.